

Sobre a Sādhana Kālacakra e a Responsabilidade Social

A maioria de nós quer ajudar o mundo. Alguns optaram pelo envolvimento com o movimento pacifista, ou ambientalista, ou com o fim da fome mundial. Provavelmente fomos atraídos pelo budismo pelo seu ideal do Bodhisattva, o ideal de colocar o bem estar dos outros a frente de nosso próprio. Seres humanos em todos os lugares têm, de alguma forma, esse ideal, essa aspiração nobre. Ela pode se manifestar como um senso de responsabilidade social. Em qualquer cidade de países cristãos, encontramos grupos de igrejas envolvidos com serviço comunitário. Nos países budistas, tais como o Tibete, os Lamas iniciam as suas meditações da manhã com o desejo e o compromisso de beneficiar a outros.

Na meditação Kālacakra, ou sādhanā, como virtualmente em todas as sādhanas budistas, uma das primeiras coisas que se gera é bodhicitta. Como bem sabemos, O Buddha, o Iluminado, foi capaz de efetivamente ajudar milhões de seres vivos. O praticante deseja isso também. Então, ele/ela gera um compromisso de se iluminar como o Buddha com o propósito único de efetivamente beneficiar a outros. O estado da mente gerado, em que o bem estar dos outros é mais importante que o seu próprio, estabelece a tônica que se seguirá na meditação.

Conforme se percebe a grande necessidade por qual passa o mundo à nossa volta, deve-se agir de forma efetiva imediatamente. Por isso escolhe-se o veículo do tantra, o caminho rápido. O *Kālacakra Tantra*, como os demais tantras budistas, ensina a técnica de meditação em que nos visualizamos como um aspecto particular de um Buddha. O praticante se visualiza com todas as qualidades deste Buddha. É uma técnica de transformação.

A diferença do Kālacakra com outros tantras budistas é que não somente se transforma a si nas meditações, mas também se ajuda a transformar o mundo. Escrevi o pequeno livro, *Kālacakra Sādhana and Social Responsibility (Sādhana Kālacakra e Responsabilidade Social)*, a fim de chamar a atenção para esse aspecto. Muitos trabalhadores sinceros pelo bem estar mundial nunca prestaram atenção em algo tão esotérico quanto o Kālacakra. A ideia de meditar sobre deidades de aparência estranha soa demasiado impraticável face aos problemas urgentes do mundo atual. No entanto, estou convencido de que não há nada mais efetivo que possa ser feito pelo mundo do que a prática da sādhana Kālacakra. Penso que quando o Dalai Lama usa a frase: “Kālacakra pela paz mundial”, trata-se de algo mais do que um slogan. A tradição budista teve 2.500 anos para desenvolver meios habilidosos e os tibetanos alcançaram o ápice de tais práticas.

Meu livro começa com uma recitação védica. Isso mesmo, recitação védica, conforme a tradição hindu, não a tradição budista. Na Índia, há milhares de anos, a recitação védica é vista como aquilo que sustenta a ordem cósmica. Acredita-se que os sons das recitações védicas ordenam o cosmos e o mantém em harmonia. A lógica disso é a mesma quando físicos modernos nos mostram que grãos de areia na pele de instrumentos de percussão formam padrões diferentes de acordo com o som das diferentes notas musicais. Da mesma forma, essa era uma noção universal na Índia bramânica e, conforme podemos deduzir do comentário ao Kālacakra, o *Vimalaprabhā*, no reino secreto de Shambala.

O *Vimalaprabhā* descreve Shambhala como tendo 35 milhões de Brahma-Rishis, ou sábios védicos. O relato deste comentário forma o segundo capítulo do meu livro. É dito que no tempo do Buddha, o rei de Shambala, teria viajado para solicitar ao Buddha os ensinamentos Kālacakra. O rei retornou para Shamabala com esses ensinamentos. Ele ordenou que os sábios védicos do seu reino adotassem tais ensinamentos. A história de como isso aconteceu é bem interessante. No final, os sábios adotaram os ensinamentos Kālacakra e o Kālacakra se tornou a religião oficial de Shambala. Lá, os ensinamentos foram preservados por muitos séculos até serem levados à

Índia por um yogi indiano cerca de mil anos atrás. Da Índia foram transferidos para o Tibete, sendo traduzidos do sânscrito para o tibetano, onde foram preservados até o nosso tempo.

Um breve resumo desses ensinamentos extraordinários é encontrado no terceiro capítulo do meu livro. Esses ensinamentos são secretos no sentido que ninguém tem permissão para discutir seus detalhes com aqueles que não receberam a iniciação Kālacakra. Portanto, no meu livro há apenas informações mais gerais, mas o suficiente para se ter uma ideia do que se trata a prática. O objetivo também era o de contextualizar esses ensinamentos, visto que são estranhos a nós no Ocidente. O contexto dos precedentes védicos e a adoção dos ensinamentos do Kālacakra pelos sábios de Shambala ilustram, em minha opinião, a preocupação primeira daqueles que se envolveram com esses ensinamentos: o bem estar do mundo.

A noção de secreto é algo com o qual não estamos acostumados, principalmente em nosso mundo moderno, onde tudo é aberto. Mas, com o Kālacakra, assim como outros tantras budistas, essa noção é de uma importância muito real. Usando a analogia do Lama Govinda em seu livro, *The Way of the White Clouds*, os tibetanos veem os ensinamentos tântricos budistas da mesma forma que nós no Ocidente vemos os reatores nucleares. Em prol da segurança de todos, o conhecimento e o acesso a eles deve ser cuidadosamente restrito. Continuando a analogia, receber o ensinamento tântrico é necessário para acessar os ensinamentos tântricos secretos, assim como a autorização é necessária para acessar as especificações secretas de reatores nucleares. Uma experiência minha pode servir para mostrar quão sério isso é levado na tradição tibetana.

Ouvi falar do Kālacakra pela primeira vez perto do natal de 1974, a partir do livro de Nicholas Roerich, *Shambhala*. As suas referências aos ensinamentos Kālacakra foram muito inspiradoras. Mas, obviamente, quase nenhum material era disponível em línguas ocidentais naquela época. Em 1977, comecei a estudar sânscrito e no início de 1979 em Dharamsala, tibetano. Fiquei feliz em saber que o *Kālacakra Tantra* tinha sido publicado primeiramente no original em sânscrito junto com as traduções em tibetano e mongol. Em torno de 1980, comecei a ler o *Kālacakra Tantra* em sânscrito, mas era quase

incompreensível. Então, o Instituto de Estudos Avançados das Religiões Mundiais tinha microfilmado manuscritos em sânscrito no Nepal, incluindo o grande comentário ao Kālacakra, o *Vimalaprabhā*, “A Luz Imaculada.” Consegui obter um microfilme desse manuscrito, que foi de grande ajuda, assim como as traduções em tibetano; mas ainda havia problemas, questões sobre o significado do texto.

No outono de 1980, quando mal tinha lido 20 versos do *Kālacakra Tantra*, levei uma dessas questões para um Geshe tibetano que estava oferecendo ensinamentos públicos nos EUA. Ele não respondeu a questão. Ele disse enfaticamente que eu não deveria tentar ler o livro, ou mesmo abri-lo sem antes receber a iniciação Kālacakra. Ele disse que seria muito perigoso fazê-lo. Segui os seus conselhos e deixei os textos de lado até que em 1981 recebi a iniciação Kālacakra do Dalai Lama em Madison, Wisconsin, a primeira que ele conferiu no Ocidente. Dessa forma, ficou fortemente impresso em mim que a iniciação Kālacakra dá a permissão necessária para estudar e praticar os ensinamentos Kālacakra e dá proteção ao estudante e praticante desses ensinamentos.

As iniciações tântricas, atendo-se à noção de sigilo, são tradicionalmente limitadas a poucos e seletos discípulos. O Kālacakra é uma exceção, pois muitas pessoas recebem a iniciação Kālacakra como uma benção e não como um pré-requisito para o seu estudo e prática. Muitos tibetanos acreditam que o contato com esses ensinamentos fornecidos pela iniciação Kālacakra plantam as sementes para que eles renasçam no reino de Shamabala no futuro. O Tibete tem a tradição de grandes iniciações Kālacakra oferecidas ao público. Aos poucos que se dedicarem ao estudo e prática do Kālacakra, a iniciação também representa um compromisso. Você se compromete com, no mínimo, uma prática diária a partir de então, para o resto de sua vida.

Quando o Dalai Lama deu a iniciação Kālacakra em 1981 nos EUA, não havia materiais disponíveis em inglês para guiar qualquer prática. Então, ele forneceu a prática de guru yoga dos seis ramos do Kālacakra num livro que todos receberam. Após conferir a iniciação Kālacakra na Suíça em

1985, traduções de outras *sādhana*s *Kālacakra* também foram disponibilizadas para aqueles que solicitaram pelos esforços de Andy Wistreich. Um trabalho maravilhoso, possibilitando a prática do *Kālacakra* no Ocidente. Para mim, no entanto, havia um novo problema, que me fez colocar a iniciação que recebi em 1981 temporariamente de lado, pelo menos em relação ao compromisso de prática diária.

O que define um tantra e o distingue de um texto que não precisa ser mantido secreto é a presença de mantras. Mantras são compostos de sílabas em sânscrito. A recitação de mantras forma uma parte integral da prática de toda *sādhana* tântrica. Assim como a tradição budista tibetana considera a iniciação absolutamente indispensável para a prática do tantra, a tradição bramânica indiana considera a exatidão indispensável para a recitação de mantras, chegando a extremos para os nossos padrões, a fim de garantir a transmissão exata de seus mantras, tanto das sílabas, quanto de sua pronúncia correta.

Considerei essa tradição com a mesma seriedade que tomei a advertência do Geshe quanto à necessidade de primeiro receber a iniciação. Então, não poderia praticar a *Sādhana* até que tivesse dominado a forma correta de pronúncia dos seus mantras em sânscrito, os quais eram encontrados em formas variadas nas *sādhana*s tibetanas. Assim como no Ocidente nos voltamos para os tibetanos como a fonte dos preciosos ensinamentos budistas, os tibetanos sempre se voltaram aos indianos como a fonte de seus preciosos ensinamentos. O cânone budista tibetano consiste de traduções dos textos originais em sânscrito do budismo indiano. O amor dos tibetanos por esses textos me contagiou. Ainda lembro da minha emoção, em minha primeira viagem à Índia em 1978, quando encontrei numa livraria uma cópia publicada do *Kālacakra Tantra*. Quando a minha questão com a prática do *Kālacakra* surgiu no início dos anos 1980, o Projeto de Preservação de Manuscritos firmado entre Nepal e Alemanha já estava em andamento, filmando milhares de manuscritos budistas em sânscrito no Nepal.

Um amigo que estava escrevendo sua tese sobre o primeiro capítulo dos textos Kālacakra fora ao Nepal durante parte de sua pesquisa. Com a sua ajuda, fui capaz de obter em meados da década de 1980, microfimes de muitos manuscritos Kālacakra, incluindo uma sādhanā Kālacakra completa em sânscrito, extraída do Vimāpalārabhā. O acesso a esses textos me possibilitou verificar a forma correta de todos os mantras. Pude, então, iniciar o meu comprometimento com a prática diária em 1987, seis anos após ter recebido a iniciação Kālacakra. Claro, tal situação incomum era peculiar ao meu próprio caminho. Tal problema não existe para a maior parte dos outros praticantes do Kālacakra, pois a maioria dos lamas tibetanos considera que as bênçãos da transmissão da linhagem são mais importantes do que qualquer preocupação com a forma ou pronúncia dos mantras; de fato, tal abordagem se mostra adequada há muitos séculos. Porém, amo sânscrito. Mesmo após todos esses anos, os textos em sânscrito nunca perderam o seu apelo sobre mim. Para mim, o trabalho mais impressionante a ser realizado no planeta é o projeto de pesquisa em textos budistas raros do Instituto Central de Estudos Tibetanos Superiores em Sarnath. Nesse instituto, seguindo o caminho inverso da transmissão do cânone budista para o Tibete um milênio atrás, os pânditas sanscritistas da Índia trabalham em colaboração com especialistas tibetanos para tornar esse cânone novamente disponível em seu original em sânscrito. Eles utilizam manuscritos em sânscrito outrora esquecidos, agora microfilmados e editam os textos com a ajuda das traduções tibetanas. Muitos volumes importantes já foram publicados, incluindo o grande comentário ao Kālacakra, o Vimāpalārabhā. Utilizei esse texto para preparar um apêndice ao meu livro, fornecendo as deidades da mandala mental do Kālacakra. Todas as sādhanas Kālacakra, tenham sido escritas por indianos ou por tibetanos, devem necessariamente ter este texto como base. Podem ocorrer diferenças ocasionais nessas sādhanas e esse apêndice visa fornecer o que está disponível na fonte sânscrita original.

O fundador e ex-Diretor do Instituto Central de Estudos Tibetanos Superiores é Samdhong Rinpoche, atualmente o Primeiro-Ministro do governo tibetano no exílio. Embora eu soubesse que os tibetanos que estudam lá tivessem de aprender a pronúncia em sânscrito, foi uma surpresa agradável, ouvir Samdhong Rinpoche pronunciar o mantra raiz do Kālacakra na maneira sânscrita. Ele o fez durante um intervalo em nossos debates acerca de como construir uma sociedade não-violenta em 1997. Quando ele pronunciou o nasal após a última sílaba, conforme é requerido em sânscrito, ao invés de após a primeira sílaba, como é comum entre os lamas tibetanos, expressei a minha surpresa. Ele respondeu que obviamente haveria de seguir a pronúncia sânscrita, uma vez que o texto original estava agora disponível. Um argumento que resume tudo para mim.

Independente de como recitamos nossos mantras, no entanto, o fato de termos acesso a eles no Ocidente é algo sem precedentes na história humana. A sādhana Kālacakra está atualmente disponível para todos que receberam a iniciação Kālacakra. Graças aos generosos lamas tibetanos, já se trata de um grande número de pessoas por todo o mundo. Temos, portanto, os meios de participar diretamente na promoção do bem estar de nosso planeta. Nunca antes houve uma oportunidade tão extraordinária.

[O presente artigo foi escrito por David Reigle. Esta edição online foi publicada pelo Eastern Tradition Research Institute, copyright 2006. O livro mencionado intitula-se *Kālacakra Sādhana and Social Responsibility*, por David Reigle, Santa Fe: Spirit of the Sun Publications, 1996. Esta tradução em português foi realizada por Bruno Carlucci sob permissão do autor para publicação na seção em português do site do Eastern Tradition Research Tradition Institute, em abril de 2016]

